



ESCOLA INCLUSIVA: REFLEXÕES A PARTIR DE UM GRUPO DE ESTUDOS

RESUMO: Este texto tem como finalidade apresentar reflexões a partir dos encontros de formação continuada de um grupo de professoras - “Grupo do AEE” -, com o objetivo de problematizar a prática pedagógica na perspectiva da construção de uma escola inclusiva. A partir de uma dinâmica vivenciada pelo grupo de estudos problematizamos a relação entre ensino e aprendizagem, sob duas perspectivas: o paradigma da escola moderna e o desafio de incluir e proporcionar aprendizagens a todos na escola regular. Nesta perspectiva, percebemos o Grupo do AEE como um espaço de estudo, de fortalecimento e reflexões a respeito das nossas práticas pedagógicas.

Palavras-Chave: Grupo de estudos, Inclusão, Atendimento Educacional Especializado (AEE).

1. INTRODUÇÃO

O presente texto tem como objetivo tecer reflexões a partir das experiências vivenciadas no Grupo de Estudos constituído por professoras que atuam nas Salas de Recursos Multifuncionais no Atendimento Educacional Especializado¹, equipes diretivas das escolas municipais de ensino fundamental e responsáveis pela Política de Inclusão da Secretaria Municipal de Educação de um município do noroeste do estado do Rio Grande do Sul. O Grupo de Estudos, denominado como “Grupo do AEE” tem sido um espaço significativo para que as escolas discutam e problematizem as suas práticas pedagógicas, na perspectiva da construção de uma escola inclusiva. A formação do Grupo tem como foco a implementação e a efetivação da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva no município. Nesse texto, abordaremos algumas considerações a partir de um momento de formação em que vivenciamos uma dinâmica. A partir dela, problematizamos a escola que temos, direcionando-nos para a construção da escola inclusiva, considerando o grupo de estudos como possibilidade de reflexão e de fortalecimento das práticas pedagógicas realizadas nas escolas.

2. METODOLOGIA

Os encontros do “Grupo do AEE” têm possibilitado inúmeras reflexões acerca das práticas pedagógicas e do processo de inclusão vivenciado pelas escolas. Destacamos entre elas, uma dinâmica proposta por duas integrantes do grupo - a dinâmica do tênis - a qual desencadeou a reflexão que trazemos neste texto. Nesse sentido, discutimos o conceito de ensino e aprendizagem no paradigma da escola moderna, como um desafio a ser superado em direção a construção de uma escola inclusiva, proporcionando aprendizagem a todos na escola regular.

3. RESULTADOS DO TRABALHO

Inicialmente, trazemos para problematização uma dinâmica vivenciada no “Grupo do AEE”, denominada “Dinâmica do tênis”, que nos ajuda a refletir sobre o paradoxo: como ensinamos e como aprendemos. Nessa perspectiva, a dinâmica é muito simples, solicita-se que um voluntário (a representar a professora) ensine uma outra pessoa (a representar o aluno) a colocar um cadarço num tênis, sugerindo ao aprendiz que apresente dificuldades para realizar a tarefa. A dinâmica nos possibilita problematizar o(s) modo(s) como os sujeitos envolvidos nessa(s) relação(ões) são posicionados e também, qual(is) a(s) concepção(ões) de ensino e de aprendizagem que fundamenta(m) a prática da(s) professora(s).

A dinâmica caracterizou uma professora dedicada e amorosa com seu aluno, ao propor que ele aprenda a colocar cadarços no tênis, como lhe foi sugerido. Observamos que a postura da professora

1 Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. (BRASIL, 2008)

se desenvolve no sentido de “explicar como fazer”, cuidadosamente, para que o aluno possa compreender a tarefa e realizá-la positivamente de forma linear. Diante da dificuldade e do erro do aluno, sua intenção é “demonstrar” “como se faz” para que ele possa segui-la nos seus passos certos e, finalmente, cumprir a tarefa. A toda tentativa “equivocada” do aluno para realizar a tarefa, segue um “não, não é assim”. E recomeça a explicação. O aluno por sua vez, houve atentamente as explicações da professora e procura realizá-las, embora demonstre insegurança nos procedimentos. Sua postura é passiva e extremamente focada nas orientações da professora.

Essas observações nos levam a refletir quão contraditórias podem ser as práticas pedagógicas que intencionam o processo de construção de conhecimento em nossas escolas. Ao mesmo tempo em que elas se propõem a educar as crianças de forma autônoma e significativa para que estas re/construam conhecimentos, constata-se que muitas práticas dos professores estão, ainda, focadas no ensino, desconhecendo os caminhos que possibilitam a re/construção do conhecimento e a aprendizagem dos alunos. A tarefa encaminhada pela professora, na dinâmica, é dada de forma instrumental, sem qualquer propósito que possa levar o aluno a significar o que está fazendo ou construir uma necessidade para aprender. Além disso, o erro não é tomado como referência para a compreensão da lógica que o aluno utiliza para aprender, pois ele é, simplesmente, negado, banido da experiência, inaceitável, o que fortalece a postura passiva do aluno que não se aventura na experiência de aprender.

O conceito de aprendizagem presente no desenvolvimento da dinâmica fundamenta-se no instrucionismo, tratando-a como um “fenômeno linear: de cima para baixo, (...) revida relação linear entre professor e aluno: um ensina, outro aprende, cada qual em seu lugar próprio, estanque; um fala, outro escuta; um cospe matéria, outro toma nota; um dá ordens, outro faz prova” (DEMO, 2002, p. 134). A forma como a professora se propõe a ensinar revela uma concepção instrumental da aprendizagem, que Marques (1993, p.105) define como a “assimilação passiva das verdades ensinadas. Ensinar é repetir; apreender é memorizar”.

Tal abordagem educacional é originária da perspectiva moderna, em que os lugares de cada sujeito eram bem demarcados e assumidos como naturais e predeterminados. Cada qual tinha sua função e a desempenhava de acordo com normas rígidas, posições fixas e a segurança advinda desta sociedade estável/sólida era o acalento/conforto para as almas dos “cidadãos de bem”. A escola é criada nesse tempo – herdeira da modernidade – e desde então vem sendo orientada por binarismos, “polarizados em positivo e negativo: certo e errado; bem e mal; belo e feio; normal e anormal; e, também, que aprende e que não aprende” (ROOS, 2007, p. 68). Entretanto, esta escola criava estratégias homogêneas que “deveriam” dar conta da aprendizagem de todos os sujeitos/estudantes, embora desconsiderando suas especificidades.

Considerando essa concepção de ensino como predominante nas nossas escolas, por mais que encontremos inúmeros esforços, práticas e experiências que demonstrem avançar dessa perspectiva, temos aí um grande desafio para pensar uma escola inclusiva de modo a garantir a educação para todos. Segundo Beyer (2011, p. 76) “o desafio é construir e pôr em prática no ambiente escolar uma pedagogia que consiga ser comum ou válida para todos os alunos da classe escolar, porém capaz de atender os alunos cujas situações pessoais e características de aprendizagem requeiram uma pedagogia diferenciada”.

Diante desse desafio, da construção de um ambiente escolar que atenda a todos, entendemos que a constituição de novas práticas pedagógicas implica na produção de olhares que considerem as diferenças dos aprendizes. Acredita-se numa outra perspectiva de educação, que se constitui a partir das políticas públicas de inclusão escolar, na tentativa de romper com essa visão homogênea e com o pensamento binário, em que se tem tensionado a produção de outros olhares sobre as diferenças na escola. Faz-se oportuno, avançar e entender que essas não podem mais ser apreciadas a partir da eleição do que é melhor ou do que vale mais, mas sim, de uma disposição da escola em experimentar outros olhares, e assim, “discutir, estudar e experimentar pedagogicamente, como maneira de entender as diferenças enquanto múltiplo, híbrido, possibilidades diversas de ser, e não como desvios do padrão, contrário de igualdade, anormalidade ou deformidade” (ROOS, 2007, p. 83). Nessa perspectiva, de mudança de paradigma e de produção de novos olhares, entendemos como imprescindível a organização de momentos para a formação de professores e de toda a comunidade

escolar, ou seja, a criação de espaços em que as próprias escolas possam se dedicar a reflexão em torno da educação inclusiva. É com esse objetivo, que o Grupo de Estudos do Atendimento Educacional Especializado se configura como um importante espaço de diálogos, aprendizagens e da tecitura de outras práticas pedagógicas.

Ensinar e aprender fazem parte do processo de construção de conhecimento que se realiza no espaço da sala de aula. Os sujeitos – professores/as e alunos/as – que se encontram nessa relação são movidos pelo desejo de ensinar e de aprender. O aluno, com sua curiosidade, quer saber sobre coisas desconhecidas, coisas que o surpreendam, e sem ter consciência do que pode provocar esta predisposição (ou não predisposição) acaba ensinando ao professor crítico que, ao ensinar também aprende, pois desta forma, reconhece a sua condição de inacabamento, própria do ser humano. Aprende também porque o diálogo que estabelece em sala de aula lhe possibilita tomar consciência da sua própria compreensão sobre o que está fazendo.

O desafio lançado ao Grupo do AEE, frente a construção de outras práticas pedagógicas, exige um processo de formação permanente, possibilitado pela reflexão sobre o trabalho desenvolvido na escola. No grupo de estudos promovemos a reflexão e o diálogo como possibilidades para que as concepções individuais possam ser compartilhadas e transformadas, porque, na escuta do outro, do que o outro tem a comunicar, podemos perceber as compreensões e as incompreensões que temos e assim, transformá-las em conhecimento compartilhado. É importante que nesse diálogo possamos trazer os conhecimentos prévios dos professores, os conhecimentos pedagógicos que foram sendo construídos ao longo da trajetória profissional e ainda, a sua relação com a prática pedagógica. Desta forma, o professor que participa do grupo de estudos pode ampliar a sua capacidade reflexiva, de forma a pensar sobre si, sobre o que pensa, como pensa, o que faz e como faz.

CONCLUSÕES

As reflexões ora realizadas advém da nossa experiência com o Grupo de Estudos do AEE. Por meio delas percebemos a permanência das demarcações que a modernidade imprimiu na escola e por consequência, produziu nela práticas excludentes. Tais marcas mostram-se contingentes, emergem em algumas situações e em outras permanecem submersas/camufladas. Nesse sentido, o grupo de estudos torna-se um espaço de reflexão que possibilita o movimento entre as variadas (in)compreensões, manifestadas nos diálogos, instigadas pelas leituras e experiências vivenciadas no espaço escolar. Desta forma, podemos considerar o grupo de estudos como um dispositivo de entrecruzamento teórico-prático, que pretende desencadear um processo de transformações na escola e no professor, que se reconhece como um sujeito aprendente, superando o binarismo entre quem aprende e quem ensina. Nestas relações, na coletividade, transformamo-nos enquanto sujeitos reflexivos e alteramos nossos modos de pensar/fazer e, conseqüentemente, as nossas práticas pedagógicas, na perspectiva inclusiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALARCÃO, Isabel. Professores reflexivos em uma escola reflexiva. 8 ed. Coleção questões da nossa época. São Paulo: Cortez, 2011.
- BEYER, Hugo Otto. Da integração escolar à educação inclusiva: implicações pedagógicas. In: BAPTISTA, Claudio Roberto (org). Inclusão e escolarização: múltiplas escolhas. Porto Alegre: Mediação, 2009.
- BOLZAN, Dóris. Formação de professores: compartilhando e reconstruindo conhecimentos. 2 ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.
- BRASIL, Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: SEESP, 2008.
- DEMO, Pedro. Complexidade e aprendizagem: a dinâmica não linear do conhecimento. São Paulo: Atlas, 2002.
- MARQUES, Mário Osório. Conhecimento e modernidade em reconstrução. Ijuí: UNIJUÍ, 1993.
- ROOS, Ana Paula. Olhares sobre as diferenças nas salas de aula. In: LOPES, Maura Corcini; DAL'IGNA, Maria Cláudia (orgs). In/exclusão nas tramas da escola. Canoas: Ed. ULBRA, 2007.